

## ESTUDANTES INDÍGENAS E VENEZUELANOS: SOCIALIZANDO COM MÚSICA NO IFRR-CAM

Lucas Correia Lima <sup>1</sup>  
Rebeka Brassington Nogales <sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é abordar sobre a socialização e adaptação entre os alunos (as) indígenas e venezuelanos do IFRR (Instituto Federal de Educação de Roraima), Campus Amajari (CAM). Também serão abordados projetos de extensão e pesquisa que têm interferido nessa situação, para propor e estimular iniciativas nos ambientes escolares. A hipótese para a existência de alguns conflitos entre os (as) estudantes é a de que resultam da ignorância e da negação de direitos aos povos indígenas e a xenofobia, realidades que a instituição escolar pode contribuir para diminuir. Serão contextualizados atividades vivenciados pelos alunos indígenas e venezuelanos no estado de Roraima e especificamente campus. Este artigo foi construído por meio de projetos de extensão desenvolvido no IFRR/CAM.

**Palavras-chave:** Indígenas, Venezuelanos, Música, Conflitos, Interação.

### INTRODUÇÃO

A escola pode ser um instrumento fundamental para o entendimento dessa situação. No caso do IFRR, possibilita a convivência e estimula um ambiente de interação cultural entre indígenas e venezuelanos. Em Roraima, a luta para garantir direitos constitucionais tem associação com aquela por uma escolarização indígena diversificada, diferenciada e multilíngue (LIMA, 2017, p. 62-63).

O interesse do trabalho proposto não é só apenas relatar sobre as diferentes culturas, mas sim, trabalhar esse tema como um conteúdo de aprendizagem que possa atender alunos com dificuldades de expressão e timidez. A diversidade cultural no ambiente escolar traz seus encantos e desencantos, pois a diferença causa conflitos, podendo ser religiosos, culturais, étnicos ou sociais, isso, faz com que muitos alunos criem certo receio na hora de falar em público. O projeto visa desenvolver atividades musicais, práticas de interação e comunicação oral como forma de fortalecer a socialização.

Roraima conta com uma herança cultural indígena muito rica, que está nas comunidades espalhadas por todo estado; é um dos estados que possui a maior população indígena do Brasil, constituído inicialmente de nativos que vieram do Caribe (Macuxi, Taurepang, Ianomami, etc.) O termo diversidade vem sendo utilizado em diferentes áreas do

<sup>1</sup> Professor Ensino Básico, Técnico e Tecnológico IFRR-CAM, [lucas.lima@ifrr.edu.br](mailto:lucas.lima@ifrr.edu.br)

<sup>2</sup> Bolsista do Projeto de Extensão Socializando com Música do IFRR/CAM, [brassingtonrebeka@gmail.com](mailto:brassingtonrebeka@gmail.com)

conhecimento. Na educação, a diversidade pode ser tratada como temática da formação de professores, do currículo e da didática, como especifica a legislação referente à educação básica. Isso se reflete nas pesquisas e na literatura dessa área.

O governo federal tem deixado claro suas intenções de rever demarcações e permitir o acesso às terras indígenas a mineradoras, madeireiras, agricultores e garimpeiros, aumentando a insegurança dos povos indígenas da região, colocando em risco os habitantes das TIs e permitindo sérias ameaças à manutenção dos direitos humanos nessas áreas.

Andrade (2012, p. 10) acredita que essas situações decorrem, na sociedade brasileira, em virtude de uma visão estereotipada que é reproduzida sobre os povos indígenas e de uma ignorância quanto a eles, o que gera uma percepção preconceituosa pela qual os indígenas são um empecilho ao desenvolvimento e necessitam ser incorporados à sociedade para viver com dignidade.

Segundo Repetto (2008, p. 54), a realidade de Roraima estimula o preconceito contra os indígenas:

Estes discursos se fazem presentes em diferentes âmbitos da sociedade roraimense: uma vez que deputados e governadores defendem estas idéias, as pessoas comuns, acabam por aceitar estes pareceres. Isto se dá, primeiramente, pelo controle que os grupos de poder exercem sobre os meios de comunicação de massas e, em segundo, pelo desconhecimento da realidade mais ampla que envolve os indígenas. Como já comentei, boa parte da crescente migração para Boa Vista nas décadas de 1980 e 90, se deveu ao auge do garimpo, assim na periferia da cidade moram muitos ex-garimpeiros, que ficaram afastados desta atividade por causa dos conflitos. Isto acaba por levar uma grossa parte da opinião pública a acatar e reproduzir estes discursos.

Seguindo o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, concordamos que a escola não é o único local onde o conhecimento é produzido e se reproduz; no entanto, é a escola o “local de estruturação de concepções de mundo e de consciência social, de circulação e de consolidação de valores, de promoção da diversidade cultural, da formação para a cidadania, de constituição de sujeitos sociais e de desenvolvimento de práticas pedagógicas” (BRASIL/CNEDH, 2007, p. 31).

Para isso acontecer, é necessário romper com o modelo estruturado de currículo atrelado à ideia de mero rol de disciplinas e conteúdos e entendê-lo de maneira mais ampla, como fazem Neto e Lourenço (2017, p. 22), que tomam

(...) o currículo num entendimento alargado, que, além da organização da formação intelectual dos alunos, abarca um complexo de elementos. Isso tem implicações também na constituição das subjetividades e das identidades, aquilo que somos em relação aos outros, como nos percebemos e aos outros, através de um intrincado sistema de representações que traduz o jogo das relações entre os diferentes grupos sociais.

Nessa perspectiva, cabe considerar a escola como espaço de contato, onde as “diferenças interétnicas emergem e adquirem novos contornos” (TASSINARI, 2001, p. 56). Pode-se também entender a escola como um espaço de diálogo que entrecruza diversos caminhos, formando uma “rede de significados”. Seguindo essa abordagem, Tassinari (p. 50) argumenta que:

(...) não é possível definir a escola como uma instituição totalmente alheia. Por outro lado, também não se pode compreendê-la como completamente inserida na cultura e no modo de vida indígena. Ela é como uma porta aberta para outras tradições de conhecimentos, por onde entram novidades que são usadas e compreendidas de formas variadas.

Manfroi (2002, p. 49) aponta que “o papel da escola permanece perpassado pelo conflito entre as perspectivas dos indígenas e as perspectivas desenhadas e impostas pelo entorno regional”. Assim, a luta por uma escola diferenciada foi ganhando expressão e significado na própria organização das comunidades indígenas em torno da necessidade de manter suas características culturais e seus territórios preservados.

## **METODOLOGIA**

O projeto se desenvolveu a partir de revisão bibliográfica para obtenção de material. Práticas musicais para domínio básico instrumental, em consequência, formou-se um grupo para trabalhar as músicas por meio de prática instrumental ou vocal.

Por meio das atividades executadas nas aulas, os discentes entraram em contato com os seguintes conteúdos: dinâmica, timbre, intensidade, altura, ritmo, andamento, pulso; acordes, canções populares, indígenas, músicas no idioma espanhol e louvores. Caráter expressivo: alteração do caráter da música mediante alterações na dinâmica e andamento;

Forma: introdução, começo, meio e fim, repetição;

Técnica: notação musical convencional e forma de manuseio do instrumento;

Literatura: contextualização das músicas trabalhadas, informações a respeito dos estilos musicais relacionados a aspectos de criação de arranjos e composição.

Atividades em conjuntos e participações nos eventos do IFRR e ou outros.

Uma das músicas trabalhadas e que mais se destacou foi “Casinha de Abelhas” do compositor roraimense Neuber Uchoa, nela foi trabalhada além da questão regional do estado como também a partir de uma nova roupagem foi inserido partes de uma música tradicional indígena Macuxi e partes cantada em espanhol, a prova de que a integração social e musical realmente se concretizou.

## DESENVOLVIMENTO

Construído em 2009, na zona rural, a três quilômetros da Vila Brasil, o CAM atende, em sua maioria, alunos indígenas de várias comunidades situadas no município, e também de comunidades distantes que ficam em outros municípios, a mais de trezentos quilômetros do Amajari. Além dos alunos indígenas e não indígenas que moram na Vila Brasil ou em fazendas próximas, o Campus possui também alunos venezuelanos, pois o Município do Amajari faz fronteira com a Venezuela, país que no momento passa por uma grande crise, e a procura por vagas de alunos venezuelanos tem aumentado no IFRR-CAM.

Discutir sobre identidade cultural indígena no CAM ainda deixa muitos estudantes constrangidos ao expor sua etnia, ao dizer em qual comunidade nasceu. Isso deixa muitos alunos com muita vergonha, e, mesmo com todas as características de indígena, alguns preferem não se autodeclarar indígena. Toda essa desconfiança deve-se ao fato de saírem de suas comunidades, onde viveram todo o tempo, e, partindo para uma nova realidade, precisar compartilhar o mesmo ambiente com não indígenas, onde acontece, de alguma forma, a prática de preconceito contra suas culturas.

Já para os alunos venezuelanos o problema não é se autodeclarar, são simplesmente julgados pelos problemas que estão acontecendo em seu país de origem e levarem a culpa por todos os problemas que estão acontecendo no estado de Roraima, o problema vai além, todos os alunos venezuelanos são internos e no período que a fronteira da Venezuela com Brasil ficou fechada esses alunos ficaram quase quatro meses sem poder voltar as suas casas e praticamente sem contato com suas famílias.

Pensando em uma atividade que poderia atender a essas duas culturas foi criado pelo Professor de Música do Campus (Lucas Correia Lima) e a aluna venezuelana (Rebeka Brassington Nogales) o Projeto de Extensão Socializando com Música<sup>3</sup> que visa estimular por meio da música a expressão e a socialização entre as diferentes culturas existentes tanto na comunidade externa como no Campus Amajari também como, Criar oportunidades para que os discentes indígenas, venezuelanos e de qualquer outro seguimento possam mostrar a sua cultura, desenvolver a expressão oral e corporal dos participantes, difundir conhecimentos das diferentes culturas musicais, oportunizar pessoas o acesso à educação musical e oferecer recitais de caráter didático à comunidade.

---

<sup>3</sup> Projeto de Extensão (PBAEX) do IFRR/CAM



Apresentação Musical: Alunos indígenas e venezuelanos em Boa Vista

Fonte: Autor.

Precisamos conviver mais próximos dos nossos alunos e poder entender realmente qual a sua realidade. Observar é um fator muito esquecido por muitos docentes, que estão preocupados em transmitir um conhecimento já padronizado, sem testar alternativas, sem perceber que os alunos já podem ter alguma base.

O conhecimento sobre uma determinada cultura acontece por meio da vivência e de práticas cotidianas. São as práticas que conferem ao indivíduo uma dinâmica no processo social dentro de uma comunidade. As necessidades dos alunos devem ser conhecidas e respeitadas pelos professores, pois ele é constantemente avaliado por seu aluno.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algumas atividades são desenvolvidas no IFRR/CAM voltadas para a socialização e integração entre os alunos: **Socializando com Música** (projeto de extensão que visa estimular por meio da música indígena brasileira, venezuelana e regional o convívio e a integração dos alunos) e **Registro das músicas tradicionais indígenas** (projeto de pesquisa que tem como objetivo fazer um resgate das músicas indígenas para transcrição em partituras, línguas nativas traduzidas para o português e gravadas por meio de áudios). A partir desses projetos é praticado o Parichara, uma atividade musical e de dança tradicional indígena específica dos povos de Roraima praticado em círculo formado por casais onde todos devem estar com braços entrelaçados.



Ensaio do grupo parichara.  
Fonte: Autor.

Trabalhar com diferentes métodos de ensino não é tarefa fácil, mas é necessário enfrentar. O professor deve adaptar-se ao contexto onde está inserido, transformar alguns conceitos enraizados da sua formação, e aprender a ensinar observando. Quando abordamos o assunto sobre identidade cultural no contexto escolar, estamos envolvendo questões de valores que, para alguns alunos, são importantes, que marcam sua história; e para muitos, fortalecidos pela globalização, apenas um assunto passageiro. A maneira como será repassado esse conhecimento irá dizer se essa prática educativa deve buscar transformações ou a manutenção do público onde está inserido; não será apenas o conteúdo que vai determinar a direção, e sim a didática, o modo de como o conhecimento é transmitido.

Nem sempre a diferença é reconhecida socialmente; as instituições de ensino podem até trabalhar com atividades e eventos voltados para a diversidade cultural, porém, vivemos em um sistema que já padronizou um modelo de vida europeu e capitalista, onde os “melhores” são aqueles de classe social elevada. Então, se não seguirmos o padrão imposto pelo capitalismo, seremos os “diferentes”. Desde a colonização portuguesa até os dias atuais, o preconceito sempre esteve presente, afetando os povos indígenas. As discriminações e negligências sofridas ao longo desses anos são evidenciadas no dia a dia, por meio do desrespeito à sua cultura, às suas terras e aos seus direitos fundamentais. A vulnerabilidade social é uma das causas dos problemas vivenciados por esses povos. Todos esses fatos fazem com que muitos indivíduos descendentes de várias etnias indígenas não se identifiquem como tal, devido ao medo pelo preconceito e à falta de valorização cultural do seu modo de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento sobre uma determinada cultura acontece por meio da vivência e de práticas cotidianas. São as práticas que conferem ao indivíduo uma dinâmica no processo social dentro de uma comunidade. As necessidades dos alunos devem ser conhecidas e respeitadas pelos professores, pois ele é constantemente avaliado por seu aluno. O convívio no mesmo local, com indígenas, venezuelanos e outros povos, para os dois existem certa dificuldade com a língua portuguesa, mas para os indígenas, mesmo sendo do território brasileiro apresentam maior dificuldade.

Qualquer instituição de ensino não deve se preocupar apenas com as dificuldades de aprendizagem dos alunos, também precisa explorar o conhecimento cultural e valorizar os povos que compartilham o mesmo ambiente, fazendo com que todos possam se conhecer e respeitar a cultura de cada povo.

Estudar as culturas dos povos indígenas de Roraima atualmente constituiu-se num grande desafio, devido à mistura das etnias em muitas comunidades, e são poucas as referências e literatura que tratam desses povos, especialmente quando se trata da sua música. Nos múltiplos aspectos revelados pela pesquisa, ficou claro que, apesar da predominância do ensino da música europeia citada pelos alunos no Curso de Música, existe a vontade própria dos alunos e de alguns professores em pesquisar sobre a música indígena de Roraima.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, J.A.A.D. (2012). **Indigenização da cidade: etnografia dos circuitos saterémawé em Manaus-AM e arredores**. 152 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL / COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS (2007). **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. 76 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/2191-plano-nacional-pdf/file>. Acesso em: 17 jul. 2019.

LIMA, J.A. (2017). **Políticas públicas no campo da educação indígena no estado de Roraima**. Boa Vista: Editora UFRR.

MANFROI, J. (2002). **O papel da escola no contexto atual dos Kaiowá/Guarani da aldeia Te'y Kuê de Caarapó: um estudo a partir de lideranças e professores indígenas**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Marília.

NETO, A.S.; LOURENÇO, E. (2017). Direitos humanos e cultura escolar. In: SIQUEIRA, A.S. **Direitos humanos e cultura escolar**. São Paulo: Alameda. p. 15-40.

REPETTO, M. (2008). **Movimentos indígenas e conflitos territoriais no estado de Roraima**. Boa Vista: Editora UFRR.

TASSINARI, A.M. (2001). Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, A.L.; FERREIRA, M. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Global. p. 44-70.